

SUBJETIVAÇÃO DE UMA IMIGRANTE POLONESA NO ESPAÇO DE ENUNCIÇÃO BRASILEIRO

Soeli Maria Schreiber da Silva
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Nesta comunicação proponho-me a responder como a língua polonesa está circulando no espaço de enunciação brasileiro e para isso pergunto como o léxico dessa língua constitui-se no acontecimento na relação com o português. Nesse sentido considero que é por meio do léxico que se dá a construção de história de língua polonesa no Paraná. Nesse saber importa como a autora do *Depoimento Minha Vida Polaca e Meu Amor Brasileiro (2005)* recorta a memória agenciada como locutora imigrante e locutora brasileira. Como palavras em enunciação na língua polonesa significam o memorável da locutora imigrante. Este estudo também vai mostrar como se dá a subjetivação da imigrante polonesa. O espaço enunciativo configura-se privilegiando a língua portuguesa na língua escrita e pela necessidade de escrever e traduzir palavras em polonês, não sendo esta tradução uma simples técnica. Trata-se de uma transferência na prática escrita relacionada a uma prática social, a um saber social. Para Auroux

As causas que agem sobre o desenvolvimento dos saberes linguísticos são extremamente complexas. Pode-se notar conjuntamente: a a administração dos grandes Estados, a literalização dos idiomas e sua relação com a identidade nacional(...)O purismo e a exaltação da identidade nacional(...) são por exemplo fenômenos quase universais na constituição, espontânea ou por transferência, dos saberes linguísticos.(Auroux, 1992: 28-29)

Vejamos o recorte 1:

Mais de 25 anos se passaram do dia em que recebi o convite inesperado do jovem Diretor da Casa da Memória, Rafael Greca de Macedo, para coordenar o Bosque João Paulo II. Convite esse em conjunto com o da Missão Católica Polonesa no Brasil, responsável pelo Bosque, que então consistia em apenas duas “**chatas**”(casas típicas das aldeias polonesas feita de troncos) dentro da grandiosidade do bosque de árvores centenárias, pinheiros e espessa vegetação. (Abreu, 2005: 117)

O modo de dizer da locutora imigrante coordenadora é um modo de dizer universal e rememora a exaltação da identidade polonesa que se distribui num saber linguístico para impulsionar o desenvolvimento do bosque que coordena com a transferência da palavra polonesa “chatas”. A enunciação da locutora imigrante polonesa, Coordenadora do Bosque recorta um memorável das aldeias polonesas ao enunciar a palavra “chatas” reescrita no modo de tradução expandida como “casas típicas das aldeias polonesas

feitas de tronco”. Nesse sentido a imigrante polonesa subjetiva-se enquanto polonesa que veio da Polônia. A subjetivação não é sem falhas. É dividida pelo político que significa trazer o modelo do outro- o civilizado para o Parque João Paulo II. Ao mesmo tempo é um modo de resistência que tem a ver com a identidade polonesa que resiste ao modelo brasileiro, mesmo sendo identificada pelo Estado como locutora coordenadora.

No recorte 2:

Sonho! Benção! A responsabilidade de participar da experiência inovadora de organizar um “**Skansen**”(Museu ao Ar Livre), como resgate da memória, tradições, folclore, religião, costumes da gente polonesa, era para mim trazer, para o solo da pátria brasileira – agora a minha nova terra – as raízes deixadas na nunca esquecida Polônia. (Abreu, 2005: 117)

A locutora imigrante polonesa coordenadora reescreve “Skansen” como “museu ao ar livre”. O agenciamento articula condensação na língua polonesa à expansão na língua portuguesa. Nesse engajamento da locutora dividida como enunciadora universal organizando a exaltação de identidade nacional pela palavra “Skansen” e como enunciadora individual agenciada como locutora coordenadora transfere a cultura polonesa para o Brasil pela expansão “museu ao ar livre”.

A locutora ainda é dividida pelo lugar social de imigrante e de alguém que tem nova terra na pátria brasileira.

Nessa distribuição a exaltação da identidade nacional de polonesa é hierarquizada. A disparidade expõe a transferência de um saber linguístico constituído por “**chatas**” e “**Skansen**”. Assim o que se tem no Bosque é de um lado uma arquitetura de casas típicas de aldeias polonesas e também um museu ao ar livre que provém de cultura polonesa.

O que representa a transferência de identidade de três modos: pela língua, pela arquitetura e pela especificidade do museu.

Ao transferir a língua (saber linguístico) transfere-se também uma prática de organização. A locutora intercala lugares sociais de dizer de imigrante polonesa, coordenadora e possuidora de nova pátria no modo de dizer universal de transferência da língua e de cultura, desconhecendo o modo de organização do Bosque no Brasil, sua nova terra.

No recorte 3:

Olhando as “**chatas**” ontem como ainda hoje, as lembranças afloraram, vivas, nítidas, e me vejo, criança de três anos, escondida em uma casa semelhante nos arredores de Wilno. A 2ª Guerra Mundial avançava – início dos anos 40 – a Polônia tinha sido invadida e os nazistas caçavam os políticos poloneses e meu pai um deles. Ali a família – meus pais, eu e meu irmão – fomos presos e levados para um “**Campo de Extermínio de Myszagola**”. (Abreu, 2005: 118)

Ao escrever do lugar social de imigrante, o modo de dizer constitui-se de lembranças de 2ª Guerra Mundial. Nessa narração o enunciador é individual e

rememora o nazismo que na textualidade vai reescrever como condensação por “**Campo de Extermínio de Myszagola**”, a diferença entre o memorável como transferência e o memorável como lembrança é que, no primeiro, o enunciador é universal e, no segundo, o enunciador é individual.

São lembranças pessoais da época do nazismo que são rememoradas com o léxico em polonês. Nesse sentido, a locutora imigrante Polonesa está se subjetivando enquanto vítima do nazismo

A permanência do léxico da língua polonesa na relação com a língua portuguesa, dividindo o espaço de enunciação brasileiro, ressignifica a nova pátria através de cultura e da história polonesas, transferindo um modo de organização e a história sobre o nazismo. Trazer o modelo do civilizado e o modo de ter sido vítima do nazismo são subjetivações que significam a imigrante polonesa

A locutora imigrante coordenadora escreve do lugar da identidade polonesa apagando o imigrante polonês no Paraná. O memorável é o do “**lá**” da Polônia.

Neste espaço de enunciação há um embate determinado pela cultura polonesa da locutora imigrante e a cultura polonesa no Paraná. Prevaleceu a subjetivação pelo modelo civilizado da Polônia de um lado e também o modo como a locutora polonesa foi vítima do Nazismo na Polônia; as "chatas" "skansen" e o "Campo de Extermínio de Myszagola " se sobrepõem e argumentam tanto com a cultura como com o Nazismo nesse modo simbólico de rememorar e de constituir a subjetivação.

Bibliografia

ABREU, D. L. Minha vida de polaca e meu amor brasileiro In: Papa João Paulo II sua santidade e o Paraná. Rafael Greca de Macedo(Org.). Curitiba, Imprensa Oficial, 2005.

AUROUX, S. A Revolução Tecnológica da Gramaticalização. Campinas, UNICAMP, Trad. de Eni Orlandi. 1992.

GUIMARÃES, E. Semântica do Acontecimento, Campinas - SP, Pontes, 2002

_____. Análise de Texto: Procedimentos, análises, ensino. Campinas, RG Editora, 2011.

ORLANDI, E. Discurso e Texto. Formulação e Circulação de Sentidos. Pontes, 2001